

PROPAGANDA ATRELADA À MODA NO PERÍODO ELISABETANO: ANÁLISE DE DOIS RETRATOS

*The Propaganda Attached to Fashion at Elizabethan Era: Analysis of two
Portraits*

Santos, Rafaella F. L., Bacharel, Universidade Julio de Mesquita Filho,
rafaellalucera@gmail.com¹

Benutti, Maria Antonia, doutora, Universidade de São Paulo,
mariabenutti@gmail.com²

Resumo:

Este trabalho apresenta uma análise da produção iconográfica no reinado Elisabetano (Inglaterra, 1558 a 1603) como forma de entender a propaganda política atrelada à moda durante a Renascença na Inglaterra. Serão utilizados dois retratos para analisar a indumentária da rainha Elizabeth, especificamente os simbolismos e alegorias apresentados no bordado e joalheria.

Palavra-chave: Bordado, joalheria, propaganda.

Abstract: This job presents an analysis about the iconographic production at The Elizabethan Era, as a way for understanding the political propaganda tied to fashion during English Renaissance. For this will be used two portraits to analyze Queen Elizabeth's I costume, specifically symbolisms and allegories shown in embroidery and jewelry.

Keywords: Embroidery, jewelry, propaganda.

1. Introdução

A moda desde o seu surgimento no final da Idade Média estava ligada ao discurso de prestígio e privilégio social, entretanto, por mais que mulheres participassem da produção de um discurso de moda os protagonistas sempre foram os homens, eram eles que ditavam os conformes nas relações sociais e o universo de significação. Durante o período Elisabetano o panorama muda,

¹ Bacharel em Design de Produto pela FAAC UNESP Bauru

² Professora doutora do Departamento de Artes e Representação Gráfica, da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação.

uma vez que a rainha toma para si as possibilidades que a moda propiciaria como utensílio subserviente à construção de sua *persona* pública.

Os significados e os valores dentro da moda, principalmente a capacidade de disponibilizar um campo para a expressão individual, contribuíram para o desenvolvimento de uma identidade nacional:

A moda expressa, da forma mais visível e concreta, a realidade essencialmente dialética e dinâmica da sociedade, feita de interconexões e liames, mas também de inevitáveis conflitos entre os indivíduos, entre as múltiplas e diferentes formações sociais, entre os indivíduos e os grupos ou classes (SIMMEL, 1904, p.9).

Este trabalho apresenta uma análise da produção iconográfica no reinado Elisabetano como forma de entender a produção propagandista da época atrelada à moda, desde que as imagens icônicas dos monarcas Tudor tiveram um papel importante no estudo da história inglesa, sendo importantes registros sobre o sucesso da exposição como forma de autopromoção.

2. A PROPAGANDA ELISABETANA

Elizabeth I ficou conhecida na história como a Rainha Virgem ao se tornar o “marido” da Inglaterra em um casamento simbólico com o serviço público, renunciando à instituição matrimonial e não gerando herdeiros ao trono. O que poderia ser visto como fraqueza política e social foi transformado pela monarca em sua maior virtude, ao clamar, através de uma intensa propaganda durante todo o seu reinado, que teria abdicado de sua vida pessoal para devotar os seus esforços ao dever de liderar a nação. Sua evasão em criar laços maritais foi retratada como um ato de altruísmo, o qual manteve a coroa inglesa afastada de interesses e compromissos estrangeiros que viriam atrelados às responsabilidades de um casamento real.

A rainha tinha conhecimento de que a aprovação pública era de grande importância para assegurar o sucesso de seu reinado. Assim, construiu sua base política não somente sobre direito divino, mas também através de apoio popular, sendo considerada o primeiro monarca a estabelecer-se através do amor de seus súditos.

A propaganda e a suntuosidade que cercavam Elizabeth, a priori, poderiam ser consideradas vaidades femininas, entretanto, serviram como

ferramentas para a criação de um personagem produto de um contexto político e religioso conturbados. No século XVI, em uma sociedade patriarcal, uma nação ser liderada por uma mulher era considerado algo antinatural, era esperado que a rainha se casasse e devolvesse o trono à ordem de hierarquia. A Inglaterra também passava por um período religioso conturbado, o país havia se tornado Protestante, o que ocasionou uma divisão da população entre protestantes e católicos, e o reinado de sua antecessora, Maria I, foi marcado por violência e perseguição em uma tentativa de restabelecer o catolicismo como religião oficial.

Para suplantar a falta de ídolos excluídos pelo protestantismo, a figura da Virgem Rainha foi construída para dar ao povo alguém a ser adorado. Ao ascender ao trono em 1558, aos vinte e cinco anos, produziram-se poemas e arte em ode à sua pureza e castidade, representando-a como figuras mitológicas como Vênus, Ástrea e Diana, um artifício para colocar Elizabeth I no mesmo patamar de liderança que outras figuras espirituais de autoridade feminina. A celebração e constante evocação de sua virgindade constituíram acima de tudo um ato político, visto que esta se tornou:

Símbolo paradoxal do poder de uma mulher que sobreviveu para governar apesar da ilegitimidade, subordinação do feminino ao masculino na ordem de primogenitura, patriarcado e supremacia masculina, e quem permaneceu solteira em uma época a qual sermões oficiais favoreciam o casamento e atacavam o véu monástico do celibato e a veneração à Virgem Maria. (KING, 1990, p. 30, tradução nossa).

É a partir do conhecimento sobre retórica e persuasão, mais especificamente sobre metáforas e alegorias, que Elizabeth I constrói sua imagem e propaganda. A rainha tinha um interesse específico em emblemas e simbologia, o que torna costume na Inglaterra tecer narrativas alegóricas e iconográficas, e as embutir nas artes, como em tapeçarias, poesia e retratos.

3. A produção de retratos

Durante o período Elisabetano a Inglaterra passou por uma revolução na cultura. Houve um incentivo às artes, uma expansão da literatura e o surgimento de figuras importantes como Shakespeare. Nele estabeleceu-se uma produção imagética característica a qual é reconhecida até hoje.

Mesmo a confecção dos retratos era uma forma de demarcar a hierarquia social no país. Uma proclamação feita em 1563 buscava controlar tal produção. A rainha raramente disponibilizava seu tempo para posar para as pinturas e a poucos artistas foi permitido desenvolver uma matriz da imagem de Elizabeth que posteriormente seria utilizada por pintores licenciados.

A partir desse panorama social, Nicholas Hilliard, retratista popular na corte, produziu o que hoje se denomina “máscara da juventude”, uma matriz da imagem da rainha em que reduz os seus traços a linhas estrategicamente traçadas para rejuvenescer sua face. Entretanto, o maior ardil utilizado para manter a ilusão da Rainha Virgem e de sua juventude, foi o adorno exagerado dos retratos, o qual transferia o foco do observador para as joias e vestes suntuosas, reafirmando a posição de destaque e riqueza da monarca..

3.1 Ditchley Portrait

O Ditchley Portrait (Figura 1) constitui o maior retrato de corpo inteiro sobrevivente de Elizabeth I. Mais do que um exemplar de aparato propagandista representa a visão de um terceiro a respeito da rainha. Constitui em uma narrativa elaborada por um súdito para reconquistar os seus favores, adulando-a com simbolismos que reafirmam sua posição como a mãe de uma nação próspera.

Figura 1: Marcus Gheeraerts, 1592, Elizabeth I (Ditchely Portrait), The National Portrait Gallery



Fonte: <http://www.npg.org.uk>

A pintura foi encomendada por Sir Henry Lee como parte de um pedido de perdão, em 1592, no final do reinado de Elizabeth I. Henry foi o campeão da rainha até 1590 quando se afastou da corte por viver abertamente com a amante, ato o qual era considerado uma ofensa à monarca.

Alguns acadêmicos especulam que a iconografia representa a rainha como a deusa romana Fortuna, a deusa do acaso, a qual foi louvada e desprezada pela inconstância com a qual decidia o curso do oceano e do clima. A representação da rainha como tal tornou-se recorrente após a vitória inglesa sobre a Armada Espanhola, celebrando o seu poder divino.

O traje da rainha apresenta uma versão contemporânea da deusa Fortuna. O vestido foi produzido em cetim branco intercalado com seda, valendo-se do simbolismo atrelado à cor como sinal de pureza. Nas intersecções foram aplicadas rosas brancas ornamentadas com joias produzidas em ouro, algumas com grupos de pérolas, outras com rubis e safiras, todo o vestido segue o mesmo padrão de ornamentos, fazendo alusão à sua casa real e seu direito divino ao trono. A gola do vestido, feito de um fino tecido bordado com as mesmas gemas remeteria às asas presentes nas representações da deusa Fortuna.

As pérolas se dispõem em toda a construção do traje, sejam espalhadas pelo penteado, em diversos colares de comprimento longo, no acabamento do corpete ou bordadas nas bordadas de todo o vestido. Tais joias são empregadas na pintura para dar continuidade ao enredo de pureza e castidade da Rainha Virgem.

O adorno em formato de coroa, todo produzido em rubis e pérolas, o colar ricamente cravado com as mesmas gemas e o leque, introduzido na moda europeia por Elizabeth, seriam outro estratagema para enfatizar o sucesso da coroa e sua riqueza. Questão que retorna ao retrato com o posicionamento da rainha com os pés sobre um globo terrestre.

No retrato de Ditchley o armilar, um instrumento de astronomia utilizado na navegação aparece em uma joia na orelha esquerda da rainha. Ligado à alegoria de Fortuna sugere a narrativa de que Elizabeth seria capaz de

controlar forças violentas e seu poder sobre a natureza. O dispositivo também é uma referência ao próprio Henry Lee, pois foi o símbolo utilizado pelo cavaleiro quando era o campeão da rainha.

Tal retrato não é um dos oficiais do Estado, porém seu simbolismo, alegorias e alto teor propagandista fazem com que seja considerado um dos mais fortes retratos políticos da Rainha e um grande símbolo de seu perdão para com seus súditos (TUDOR BRASIL)

3.2 Rainbow Portrait

O Rainbow Portrait (Figura 2) é um dos exemplares mais destacáveis entre os retratos produzidos durante os últimos anos da rainha. A face rejuvenescida é a de “Ástrea, a Rainha da Beleza”, aquela que o retorno a Terra traz o manto de flores da primavera dos anos dourados (STRONG, 1977, p.50, tradução nossa).

Figura 2: Marcus Gheeraerts, 1600-1602, Elizabeth Rainbow Portrait, Hatfield House



Fonte: <http://fxgallery.com>

O corpete de seu vestido é a representação da primavera, com flores cujo desabrochar ocorre durante tal estação, como madressilvas e amores-perfeitos. Na manga há uma cobra bordada e em sua boca pendurado um coração. A serpente é um símbolo de sabedoria, enquanto o rubi em formato de coração é sinônimo de paixão. A composição representa uma analogia de como o coração da rainha foi tomado pela nação e suas emoções são

controladas através de sabedoria. Acima da serpente, feito em ouro e adornado com gemas, foi costurado um pingente de armilar, o qual é utilizado em outras narrativas, como a presente no retrato anterior (figura 3). Nesta pintura, a esfera celestial seria um indicativo da constância da monarca e representa o relacionamento estável entre Elizabeth e sua corte devido ao fato de simbolizar sabedoria e poder.

Figura 3: Detalhe de Armilar no Rainbow e Ditchley Portrait respectivamente



No manto laranja foram bordados diversos olhos e orelhas, os quais possuem duas interpretações, podem indicar a onipresença da rainha, que tudo vê e ouve em seu reino ou representar aqueles que ouvem e observam seu reinado. Em seu rufo um pingente em formato de manopla foi pendurado, situando-a como a heroína dos cavaleiros britânicos. Em seu cabelo constata-se a presença da lua crescente, alusão à Cintia, deusa da Lua.

O retrato não é somente uma imagem da monarca, é também de seu reino. É a representação visual de seu poder e hierarquia social, ela é a Rainha da beleza, a virgem pela qual a era de ouro retornou, é alguém a ser devoto.

4. Considerações finais

Pode-se considerar que a consciência política do reino e a da própria Elizabeth eram inseparáveis, a propaganda produziu uma narrativa ricamente elaborada que não há maneiras de estudar a história inglesa segregando-a de sua personalidade. Ademais, a máquina de propaganda Elisabetana surtiu

feito, que mesmo apesar de sua morte, conteúdos em ode à sua imagem continuaram a ser produzidos.

As preocupações com os detalhes, com a opulência e o exagero na construção da indumentária constituem um campo rico em significância capaz de expressar a conjuntura do período Elisabetano. Tais anos foram um exemplo de que a produção de moda não é puramente futilidade, sendo usada como ferramenta a favor da consolidação de um monarca.

5. Referências

KING, JOHN. **Queen Elizabeth I: Representations of Virgin Queen.** Renaissance Quarterly, Chicago, v. 43, n.1, p 30-74, 1990.

ROYAL Museums Greenwich. **Symbolism in portraits of Elizabeth I.** Disponível em: < <http://www.rmg.co.uk/discover/explore/symbolism-portraits-elizabeth-i> > Acesso em: 21 maio 2017.

_____. **Portraits of Queen Elizabeth I.** Disponível em: <<http://www.rmg.co.uk/discover/explore/portraits-queen-elizabeth-i> > Acesso em: 21 maio 2017.

SEAMAN, Paul. **Queen Elizabeth I: Part 1.** Disponível em: <<http://paulseaman.eu/2013/02/queen-elizabeth-i-part-1/> > Acesso em: 25 maio 2017.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da Moda e outros escritos.** São Paulo: Edição Texto e Grafia, 1904.

STRONG, Roy. **The Cult of Elizabeth: Elizabethan Portraiture and Pageantry.** Londres: Thames and Hudson, 1977.

TUDOR Brasil. **Dissecando os Retratos de Elizabeth I – Ditchley Portrait.** Disponível em: <<https://tudorbrasil.com/2016/03/13/dissecando-os-retratos-de-elizabeth-i-the-ditchley-portrait/> > Acesso em: 28 maio 2017.